

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016, Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © Bret Easton Ellis, 1991
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem
permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *American Psycho*
Título: *Psicopata Americano*
Autor: Bret Easton Ellis
Tradução: Hugo Gonçalves
Revisão: Joaquim E. Oliveira
Paginação: Maria João Gomes
Capa: © Companhia/Marcador Editora
Imagem de capa: © CSA-Printstock
Fotografia do autor: © Jeff Burton
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-244-2
Depósito legal: 408 032/16

1.ª edição: maio de 2016

Tanto o autor destas Notas como as Notas em si mesmas são, claro, fictícios. No entanto, pessoas como o criador destas Notas não existem apenas em sociedade, mas, de facto, têm de existir, considerando as circunstâncias sob as quais a nossa sociedade, geralmente, tem sido formada. Gostaria de ter trazido para diante do público, de uma forma mais distinta do que o habitual, uma das personagens do nosso passado recente. Ela representa uma geração que ainda está viva, e entre nós, nos dias que passam. No fragmento chamado «Subsolo», esta personagem descreve-se a si mesma, as suas opiniões e as suas tentativas, tal como aconteceram, para clarificar as razões pelas quais apareceu – e estava forçada a aparecer – entre nós. O fragmento subsequente consistirá nas próprias «Notas», que tratam de certos eventos da sua vida.

Fiódor Dostoiévski, *in* «Notas do Subsolo»

Um dos maiores erros que as pessoas cometem é o de pensar que as boas maneiras são a única expressão das ideias felizes. Mas há todo um tipo de comportamento que pode ser expresso com boas maneiras. A civilização é isso – fazer as coisas com boas maneiras e não de uma forma antagonista. Uma das coisas em que errámos foi no naturalismo do movimento de Rousseau dos anos 1960, quando as pessoas perguntavam: «Porque não podemos dizer o que nos vai na cabeça?» Na civilização, tem de haver algumas limitações. Se seguissemos todo e qualquer impulso, acabaríamos por nos matar uns aos outros.

Miss Manners (Judith Martin)

E enquanto as coisas se desmoronavam
Ninguém prestava muita atenção

Talking Heads

Este é um trabalho de ficção. As personagens, os incidentes e os diálogos, com exceção de referências ocasionais a figuras públicas, a produtos e serviços, são imaginados, e não pretendem referir-se a pessoas reais ou desacreditar os produtos e serviços de qualquer empresa.

Primeiro de abril, dia das mentiras

ABANDONAI TODA A ESPERANÇA, VÓS QUE ENTRAIS AQUI está rabiscado em letras vermelho-sangue na fachada do Chemical Bank, perto da esquina da 11.^a Rua com a Primeira Avenida, e as letras são suficientemente grandes para serem vistas, a partir do banco traseiro do táxi, à medida que o carro avança aos soluços pelo trânsito que abandona Wall Street, e, assim que o Timothy Price se dá conta das palavras, um autocarro para, com um anúncio do musical *Les Misérables* no seu flanco, tapando-nos a vista, mas o Price, que trabalha na Pierce & Pierce e tem 26 anos, parece não se importar, porque diz ao taxista que está disposto a dar-lhe cinco dólares se ele aumentar o volume do rádio, e *Be My Baby* toca na estação WYNN, e o motorista, negro, que não é americano, faz o que lhe foi pedido.

– Tenho muitos recursos – diz o Price. – Sou criativo, sou jovem, sem escrúpulos, altamente motivado. Essencialmente, o que estou a dizer é que a sociedade não pode dar-se ao luxo de me perder. Sou um recurso valioso. – O Price acalma-se, continua a olhar através da janela suja do táxi, provavelmente para a palavra MEDO pintada em vermelho na fachada do McDonald's, na Quarta Avenida com a Sétima Rua. – Quer dizer, continua a ser um facto que ninguém se interessa um caralho pelo seu emprego, toda a gente odeia o que faz, eu odeio o meu trabalho, e tu disseste-me que odeias o teu. O que é que faço? Volto para Los Angeles? Não é uma alternativa. Não pedi transferência da UCLA para a Universidade de Stanford para aturar isto. Será que estou sozinho quando se trata de pensar que não ganhamos dinheiro suficiente? – Como num filme, aparece outro autocarro, e outro cartaz do *Les Misérables* substitui a palavra pintada na parede – não é o mesmo autocarro de antes, porque alguém escreveu FUFU por cima da cara da Eponine. O Tim exclama:

– Tenho um apartamento aqui. Tenho uma casa nos Hamptons, por amor de Deus.

– Os pais, meu. São os pais.

– Vou comprá-lo para eles. Podes aumentar o volume da merda do rádio? – diz ele ao motorista, de forma bruta e meio distraído, e os Crystals ainda gritam no rádio.

– Não dá para pôr mais alto – talvez seja o que diz o motorista.

O Timothy ignora-o e continua.

– Eu podia continuar a viver nesta cidade se ao menos instalassem *Blaupunkts* nos táxis. Talvez os modelos *ODM III* ou *ORC II dynamic tuning sytems*. – A sua voz suaviza-se. – Um desses dois. Com estilo, meu amigo, muito estilo.

Ele arruma os fones do *Walkman* caro, que estão em redor do seu pescoço, e continua a queixar-se.

– Detesto queixar-me, a sério que odeio. Queixar-me do lixo, da porcaria, das doenças, sobre o quão suja é realmente esta cidade, e eu sei e tu sabes que é um chiqueiro... – Continua a falar enquanto abre a sua nova pasta *Turni*, de pele, que comprou na D.F. Sanders. Guarda o *Walkman* na mala, ao lado de um telefone portátil *Panasonic*, do tamanho de uma carteira (antes tinha o *NEC 9000 Porta* portátil), e tira de lá o jornal do dia. – No jornal de hoje, no de hoje apenas, vamos lá ver... Modelos estranguladas, bebés lançados dos telhados de prédios em bairros sociais, miúdos mortos no metro, um comício de comunistas, chefe mafioso abatido, nazis – folheia o jornal com excitação –, jogadores de beisebol com sida, mais merda sobre a máfia, engarrafamentos, os sem-abrigo, maníacos vários, os maricas a morrer como moscas na rua, barrigas de aluguer, o cancelamento de uma telenovela, miúdos que entraram num *zoo* e torturaram e queimaram vários animais, mais nazis... E a piada é, a conclusão final é: tudo isto acontece nesta cidade, em mais lado nenhum, só aqui mesmo, e é uma merda, oh! Espera! Mais nazis, engarrafamentos, engarrafamentos, vendedores de bebés, bebés no mercado negro, bebés com sida, bebés drogados, um edifício colapsa sobre um bebé, um bebé maníaco, engarrafamentos, ponte desmorona-se... – A sua voz cala-se, ele inspira e, em seguida, diz, baixinho, com os olhos fixos no mendigo na esquina da Segunda Avenida com a Quinta Rua. – É o vigésimo quarto vagabundo que vejo hoje. Eu conto-os. – Depois pergunta, sem olhar para o lado: – Porque não estás a usar o *blazer* azul-marinho com as calças cinzentas?

– O Timothy Price veste um fato de lã e seda de seis botões, da *Ermenegildo Zegna*, uma camisa de algodão com botões de punho da *Ike Behar*, uma gravata de seda *Ralph Lauren* e sapatos de pele da *Fratelli Rossetti*. Olha para o jornal *New York Post*. Vê uma história moderadamente interessante, que trata de duas pessoas que desapareceram de uma festa, a bordo do iate de uma semicelebridade da sociedade nova-iorquina, enquanto a embarcação dava a volta à ilha de Manhattan. Resíduos de sangue esguichado e três copos de champanhe partidos são as únicas pistas. Há suspeitas de crime e a polícia pensa que talvez uma faca de mato tenha sido a arma do assassino, por causa dos sulcos e dos cortes deixados no convés. Nenhum corpo foi encontrado. Não há suspeitos. O Timothy Price começou a sua diatribe ao almoço e voltou a ela durante o jogo de *squash*, e continuou a barafustar enquanto bebíamos uns copos no Harry's, onde bebeu mais de três *J&B* com água, mostrando-se muito interessado na conta da Fisher, que está nas mãos do Paul Owen. Não há maneira de o Price se calar.

– Doenças! – exclama, com a cara tensa. – Agora há uma teoria que diz que podes apanhar o vírus da sida tendo sexo com alguém infetado, então, isso quer dizer que podes apanhar qualquer coisa, seja um vírus *per se* ou não – Alzheimer, distrofia muscular, hemofilia, leucemia, anorexia, diabetes, cancro, esclerose múltipla, fibrose cística, paralisia cerebral, dislexia, por amor de Deus –, podes apanhar dislexia por causa de uma cona...

– Não tenho a certeza, meu, mas acho que a dislexia não é um vírus.

– Oh! E quem é que sabe? Eles não o sabem. Prova-o.

Fora do táxi, nos passeios, pombos negros e inchados lutam por migalhas de cachorros-quentes diante de um Gray's Papaya, enquanto travestis olham discretamente em seu redor e um carro da polícia avança silenciosamente em contramão, numa rua de sentido único, e o céu está baixo e cinzento, e, no táxi que parou ao lado do nosso, um gajo, que se parece muito com o Luis Carruthers, acena ao Timothy e, quando o Timothy não acena de volta, o gajo – com cabelo bem puxado para trás, suspensórios e óculos com aros de tartaruga – percebe que não é quem ele pensava que era e olha para um exemplar do *USA Today*. Varrendo o passeio com o olhar, pode encontrar-se uma sem-abrigo feia que segura num chicote e o faz estalar ao pé dos pombos, que ignoram tudo e continuam a debicar e a lutar, famintos, pelos despojos dos cachorros-quentes, e o carro da polícia desaparece num parque de estacionamento subterrâneo.

– Quando chegas ao ponto em que a tua reação ao nosso tempo é de total e completa aceitação, em que o tempo, de alguma maneira, se sintonizou com a insanidade e alcançaste o ponto em que tudo faz sentido, quando faz o clique, temos a merda de uma preta sem-abrigo que realmente quer – ouve-me, Bateman –, que quer viver na rua, nisto, nestas ruas, olha, estas – aponta –, e temos um presidente da Câmara que não a quer ouvir, um presidente da Câmara que não a vai deixar fazer o que ela quer, Deus do céu, deixa a puta do caralho morrer congelada de frio, acabem com a merda da sua miséria voluntária, e, repara, estás de volta a onde começaste, confuso, fodido... Vagabundo número vinte e quatro, vinte e cinco... Quem é que vai estar na casa da Evelyn? Espera, deixa-me adivinhar. – Levanta a mão com uma manicura perfeita: – Ashley, Courtney, Muldwyn, Marina, Charles – estou certo? Talvez um dos amigos «artistas» da Evelyn diretamente de, oh-meu-Deus!, East Village. Conheces o género – aqueles que perguntam à Evelyn se ela tem um bom *Chardonnay* branco e seco. – Bate com a mão na testa e fecha os olhos, e agora murmura, com o queixo contraído: – Vou-me embora. Vou deixar a Meredith. Essencialmente, anda a desafiar-me para gostar dela. Estou fora. Porque demorei tanto tempo a perceber que ela tem a personalidade de merda de uma apresentadora de concursos televisivos? Vinte e seis, vinte e sete... Quer dizer, eu até lhe digo que sou sensível. Disse-lhe que me tinha assustado muito com o acidente do vaivém espacial *Challenger*, que mais quer? Sou ético, tolerante, quer dizer, estou extremamente satisfeito com a minha vida, sou otimista em relação ao futuro – tu não estás?

– Sim, mas...

– E tudo o que recebo dela é merda... Vinte e oito, vinte e nove, meu Deus, merda, isto é um ajuntamento de mendigos. Digo-te que... – Para de repente, como que exausto, e, desviando o olhar de outro anúncio do *Les Misérables*, recordando qualquer coisa importante, pergunta: – Leste sobre o apresentador do concurso de TV que matou dois rapazes adolescentes? Mariconço depravado. Cómico, muito cómico. – O Price espera pela minha reação. Mas não há nenhuma. Subitamente: estamos no Upper West Side.

Ele pede ao taxista que pare na esquina da 81.^a com a Riverside, uma vez que a rua só tem um sentido.

– Não vale a pena ir dar a vol... – começa por dizer o Price.

– Eu vou dar a volta – diz o taxista.

– Não vale a pena.

Depois um aparte, com os dentes cerrados, a cara fechada:

– Foda-se para este atrasado. – O motorista para o táxi. Os dois táxis que estão atrás buzina e depois avançam.

– Devíamos ter trazido flores?

– Não... meu, tu andas a comê-la, Bateman. Porque haveríamos de trazer flores para a Evelyn? É melhor que tenhas troco de cinquenta – avisa o taxista enquanto tenta ler os números vermelhos do taxímetro. – Merda. São os esteroides. Peço desculpa, mas estou tenso.

– Pensei que te tinhas deixado disso – digo.

– Começou a aparecer-me acne nas pernas e nos braços, e os banhos de raios ultravioleta já não estavam a curar aquilo, e comecei a ir a um salão de bronzeamento. Jesus Cristo, Bateman, devias ver como os meus abdominais estão trabalhados. A definição. Completamente musculados... – diz, de uma forma distante e estranha, enquanto espera que o taxista lhe dê o troco. – Definidos. – Não deixa uma boa gorjeta, mas, ainda assim, o taxista parece genuinamente grato.

– Até sempre, Shmolo. – E depois o Price pisca o olho.

– Merda, merda, merda – diz o Price ao abrir a porta. Ao sair do táxi, olha para um mendigo na rua – Bingo: trinta – que usa um fato-macaco estranho e parolo, verde, imundo, e que tem a barba por fazer, cabelo oleoso e sujo, puxado para trás, e, brincando, o Price segura a porta do táxi como se o vagabundo fosse entrar. O mendigo, confuso e balbuciante, com os olhos fixos com vergonha no pavimento, aponta um copo de esfervite na nossa direção, vê-se-lhe a mão hesitante a tentar segurá-lo.

– Suponho que ele não quer o táxi – relincha o Price, fazendo bater a porta. – Pergunta-lhe se aceita American Express.

– Aceitas *AmEx*?

O mendigo diz que sim com a cabeça, afastando-se lentamente.

Faz frio para abril, e o Price anda agilmente pela rua abaixo em direção ao edifício de tijolo colonial, assobiando *If I Were a Rich Man*. O calor da boca cria plumas fumarentas de vapor e o seu braço faz balançar a pasta *Tumi*. Uma figura com cabelo puxado para trás, que veste uma gabardina de lã *Cerruti 1881*, de dupla lapela, com óculos de aro de tartaruga, transportando a mesma pasta *Tumi*, da D.F. Sanders, que o Price tem na mão, e o Timothy pensa, em voz alta:

– Será o Victor Powell? Não pode ser.

Com um ar preocupado, o homem passa pelo brilho fluorescente do candeeiro público, encolhendo momentaneamente os lábios num pequeno sorriso, e olha para o Price como se se conhecessem, mas percebe rapidamente que não.

– Graças a Deus – murmura o Price enquanto se dirige para o prédio da Evelyn.

– Era muito parecido com ele.

– O Powell e um jantar na casa da Evelyn? São duas coisas que se conjugam tão bem como cornucópias e tecido de xadrez. – O Price repensa o que disse. – Meias brancas e calças cinzentas.

A sua imagem parece dissolver-se e o Price sobe as escadas exteriores do edifício de tijolo colonial, que o pai da Evelyn comprou para a filha, grunhindo sobre o facto de se ter esquecido de devolver umas cassetes que alugara na noite anterior no Video Haven. Toca à campainha. No prédio ao lado, uma mulher – saltos altos, ótimo rabo – sai e tranca a porta. O Price segue-a com o olhar e, quando ouve passos vindos do interior do edifício, na nossa direção, alisa a gravata *Versace*, pronto para enfrentar quem quer que seja. A Courtney abre a porta, veste uma blusa branca de seda, uma saia *Krizia* em *tweed* e sapatos de salto, de cetim *D’Orsay*, da *Manolo Blabnik*.

Estremeço e entrego-lhe o meu cachecol negro, de lã, *Giorgio Armani*, e ela pega-lhe, beijando uma das minhas bochechas com cuidado, sem chegar a tocar-lhe. Em seguida, repete exatamente os mesmos gestos com o Price enquanto segura no sobretudo *Armani* dele. O novo CD dos Talking Heads toca mansamente na sala de estar.

– Um pouco atrasados, não, rapazes? – pergunta a Courtney, com um sorriso maroto.

– Apanhámos um taxista inapto e haitiano – murmura o Price, beijando a Courtney sem que chegue a tocar-lhe na cara. – Fizemos reserva nalgum restaurante? E, por favor, não me digas no Pastel às nove. – A Courtney sorri, pendurando ambos os sobretudos no armário do átrio de entrada.

– Hoje comemos em casa, meus queridos. Desculpem, eu sei, eu sei, tentei convencer a Evelyn do contrário, mas vamos comer... *su... shi*.

O Tim passa por ela e dirige-se para a cozinha.

– Evelyn? Onde *estás*, Evelyn? – chama, como se cantasse. – Temos de *falar*.

– Que bom ver-te – digo à Courtney. – Estás muito bonita esta noite. A tua cara tem um... brilho de juventude.

– Tu sabes como encantar as senhoras, Bateman. – Não leio sarcasmo na voz da Courtney. – Devo dizer à Evelyn que é isso que pensas? – pergunta, sedutoramente.

– Não – respondo. – Mas aposto que gostarias de o fazer.

– Vamos – diz ela, enquanto retira as minhas mãos da sua cintura e leva as suas aos meus ombros, guiando-me na direção da cozinha. – Temos de salvar a Evelyn. Esteve a organizar o *sushi* durante a última hora, a tentar escrever as tuas iniciais com a comida – o *P* é feito com peixe olho-de-boi, e o *B*, com atum –, mas acha que o atum está sem cor.

– Que romântico.

– E não tem peixe que chegue para acabar o *B*. – A Courtney inspira. – Por isso, acho que vai escrever antes as iniciais do Tim. Importas-te? – pergunta, um pouco preocupada. A Courtney é a namorada do Luis Carruthers.

– Sinto uns ciúmes horríveis e acho que devo falar com a Evelyn – digo, deixando que a Courtney me empurre gentilmente para a cozinha.

A Evelyn está em pé, ao lado de uma bancada de madeira, e veste um blusa de seda *Krizja*, uma saia de *tweed* cor de ferrugem, da *Krizja*, e o mesmo par de sapatos de salto, de cetim *D’Orsay*, da *Manolo Blahnik*, que a Courtney tem calçados. O seu longo cabelo loiro está apanhado de uma forma um tanto severa, e ela dá-se conta da minha chegada sem deixar de olhar para a bandeja de aço *Wilton* em que, artisticamente, ordenou o *sushi*.

– Oh, meu amor, desculpa! Queria ir a um *bistrot* salvadorenho, amoroso, no Lower East Side...

O Price resmunga de forma audível.

– ... Mas não conseguimos reservas. Timothy, *não resmungues*. – Ela pega num pedaço de peixe e poisa-o com cautela numa extremidade da bandeja, completando o que parece ser um *T* maiúsculo. Afasta-se da bandeja e examina-a.

– Não sei, oh! Estou tão insegura.

– Eu disse-te para teres vodka *Finlandia* cá em casa – murmura o Tim, olhando para as garrafas – quase todas tamanho *magnum* – no bar. – Ela nunca tem *Finlandia* – diz, sem um destinatário concreto, mas falando com todos.

– Oh, meu Deus! *Timothy*. Não gostas de *Absolut*? – pergunta a Evelyn, e depois, contemplativamente, para a Courtney: – Os rolinhos *California* devem ficar na borda da bandeja, certo?

– Bateman, uma bebida? – pergunta o Price.

– *J&B* com gelo – digo-lhe, pensando, subitamente, que é estranho que a Meredith não tenha sido convidada.

– Oh, meu Deus! Está uma *porcaria!* – queixa-se a Evelyn. – Juro que vou *chorar*.

– O *sushi* está *maravilhoso* – digo-lhe, para a acalmar.

– Oh! Está uma *porcaria!* – lamenta. – Uma *porcaria*.

– Não, não, o *sushi* está *maravilhoso* – digo-lhe, e tento consolá-la pegando num pedaço de peixe e pondo-o na boca, gemendo de prazer, e abraço a Evelyn pelas costas. Com a boca ainda cheia, consigo dizer: – Delicioso.

Ela tenta dar-me um estalo, a brincar, obviamente satisfeita com a minha reação, e, finalmente, beija a minha bochecha sem lhe chegar a tocar, e, então, vira-se para a Courtney. O Price entrega-me uma bebida e avança para a sala de estar enquanto tenta remover algo invisível do seu *blazer*.

– Evelyn, tens uma escova para borbotos?

Preferia ter ficado a ver o jogo de beisebol ou ter ido ao ginásio ou ao tal restaurante salvadorenho que teve algumas críticas boas – uma na *New York Magazine*, outra no *Times* – do que jantar aqui, mas há uma coisa boa em jantar na casa da Evelyn: é perto de minha casa.

– Não se importam que o molho de soja não esteja exatamente à temperatura ambiente? – pergunta a Courtney. – Acho que um dos pratos tem gelo.

Delicadamente, a Evelyn põe tiras de gengibre, cor de laranja e páldas, numa pilha, ao lado de um prato de porcelana cheio de molho de soja.

– Tudo bem. Agora, Patrick, podes ser um querido e tirar o *Kirin* do frigorífico? – E então, aparentemente incomodada com o gengibre, atira os pedaços para dentro do prato. – Oh, esquece, *eu* faço isso.

Avanço para o frigorífico na mesma. Com um olhar carregado, o Price regressa à cozinha e diz:

– Mas que raio... Quem é que está na sala?

A Evelyn finge ignorância.

– Oh! Quem é?

A Courtney diz:

– E-ve-lyn. Tu disseste-*lhes*, espero.

– Quem é? – pergunto, subitamente assustado. – O Victor Powell?

– Não, não é o Victor Powell, Patrick – diz a Evelyn, como se nada fosse. – É um artista meu amigo. O Stash. E a Vanden, a namorada.

– Ah! Então *aquilo* era uma rapariga? – diz o Price. – Vai dar uma olhadela, Bateman – desafia-me ele. – Deixa-me adivinhar: moram em East Village?

– Oh! Price! – diz ela, sedutoramente, abrindo as garrafas. – Nada disso. A Vanden estuda em Camden e o Stash vive no SoHo, é isso.

Abandono a cozinha, passo pela sala de jantar, onde a está posta a mesa, com velas de cera de abelha, da *Zona*, acesas nos seus castiçais de prata esterlina, da *Fortunoff*, e entro na sala de estar. Não consigo perceber o que o Stash tem vestido, porque está todo de negro. A Vanden tem madeixas verdes no cabelo. Olha fixamente para um vídeo de *heavy metal*, que passa na MTV, enquanto fuma um cigarro.

– Hum-hum. – Finjo uma tosse.

A Vanden olha para mim de uma forma distante, provavelmente drogada até aos cabelos. O Stash não se move.

– Olá. Patrick Bateman – digo, estendendo a mão, reparando no meu reflexo no espelho pendurado na parede, e sorrindo, porque estou com muito bom aspeto.

Ela aperta a minha mão, sem dizer nada. O Stash começa a cheirar os seus próprios dedos.

Corte para: estou outra vez na cozinha.

– Ela tem uma madeixa verde no cabelo – diz o Price, furioso. – Está toda mocada a ver a MTV e eu quero ver a merda do programa do MacNeil/Leher.

A Evelyn ainda está a abrir garrafas grandes de cerveja importada e diz, de forma ausente:

– Temos de comer isto em breve ou ainda ficamos todos com uma intoxicação.

– Ela tem uma madeixa verde no cabelo – digo. – E está a fumar.

– Bateman – diz o Tim, ainda a olhar para a Evelyn.

– Sim? – respondo.

– És um palhaço.

– Oh! Deixa-te de coisas – diz a Evelyn. – O Patrick é um rapaz convencional. É isso que o Patrick é. Não és um palhaço, pois não, meu

amor? – A Evelyn está em Marte e eu vou para junto do bar, para servir mais uma bebida.

– Um rapaz convencional. – O Tim sorri e acena com a cabeça. Depois muda de expressão e, com hostilidade, pergunta novamente à Evelyn se ela tem uma escova para borbotos.

A Evelyn acaba por abrir todas as garrafas de cerveja japonesa e diz à Courtney para ir chamar o Stash e a Vanden.

– Temos de comer agora, ou apanhamos uma intoxicação – murmura ela, movendo a cabeça lentamente, perscrutando a cozinha, certificando-se de que não se esqueceu de nada.

– Se os conseguirmos afastar do último vídeo dos Megadeth – diz a Courtney, antes de sair.

– Tenho de falar contigo – diz a Evelyn.

– Sobre quê? – Aproximo-me dela.

– Não – diz ela, e depois aponta para o Tim. – Preciso de falar com o Price.

O Tim olha para ela ferozmente. Não digo nada e olho para a bebida do Tim.

– Sê um querido – diz-me ela – e põe o *sushi* na mesa. A *tempura* está no micro-ondas e o saqué já ferveu... – A voz dela afasta-se assim que acompanha o Price para fora da cozinha.

Penso onde terá a Evelyn arranjado o *sushi*. O atum, o olho-de-boi, a cavala, o camarão, a enguia, até bonito, tudo parece tão fresco e há pilhas de *wasabi* e pedaços de gengibre dispostos estrategicamente na bandeja *Wilton*, mas também gosto da ideia de que *não* sei, que *nunca* saberei, nunca *perguntarei* de onde veio o *sushi*; gosto da ideia de que a comida ficará ali, como se fosse uma misteriosa aparição do Oriente no centro da mesa de vidro da *Zona*, que o pai da Evelyn lhe comprou, e, enquanto baixo a travessa, apanho uma nesga do meu reflexo na superfície do tampo. A minha pele parece mais escura por causa da luz das velas, e noto que o corte de cabelo da quarta-feira passada, no Gio's, está ótimo. Preparo outra bebida. Preocupam-me os níveis de sódio no molho de soja.

Sentamo-nos em redor da mesa à espera que a Evelyn e o Timothy regressem, depois de terem encontrado uma escova para borbotos. Fico à cabeceira e bebo grandes goles de *J&B*. A Vanden senta-se na outra ponta, lendo, desinteressadamente, um pasquim qualquer de East Village intitulado *Deception*, cuja manchete é A MORTE DA ZONA DE DOWNTOWN.

O Stash enfiou os pauzinhos num pedaço de peixe olho-de-boi, que jaz no centro do seu prato como um inseto brilhante e empalado, e o pauzinho está em pé, na vertical. Por vezes, o Stash move o pedaço de *sushi* no prato, com o pauzinho, mas nunca olha para mim, para a Vanden ou para a Courtney, que está sentada a meu lado, bebericando vinho de um copo de champanhe.

A Evelyn e o Timothy regressam talvez vinte minutos depois de nos termos sentado, e a Evelyn parece um pouco corada. O Tim olha para mim enquanto se senta ao meu lado, segurando numa bebida acabada de servir, e inclina-se na minha direção, prestes a dizer alguma coisa, a confessar alguma coisa, mas a Evelyn interrompe-o, de repente:

– Aí não, Timothy. – Depois, quase não chegando a ser um suspiro: – Rapaz, rapariga, rapaz, rapariga. – Aponta para a cadeira vazia ao lado da Vanden. O Timothy desvia o olhar da Evelyn e, hesitando, senta-se na cadeira ao lado da Vanden, que boceja e vira a página do seu jornal. – Muito bem – diz a Evelyn, sorrindo, satisfeita com a refeição que apresentou. – Podem começar. – E depois, assim que nota o pedaço de *sushi* que o Stash empalou – o artista está agora inclinado sobre o prato, sussurrando para a comida –, a compostura da Evelyn vacila, mas ela sorri corajosamente e pergunta: – Alguém quer vinho de ameixa?

– Eu bebo um pouco – digo, e levanto um pedaço de beringela da bandeja, ainda que não o vá comer, porque foi frito.

Os comensais começam a servir-se, ignorando o Stash com sucesso. Eu olho para a Courtney e ela mastiga e engole.

A Evelyn, numa tentativa de começar uma conversa, diz, depois do que parece um longo e ponderado silêncio:

– A Vanden estuda em Camden.

– Oh! A sério? – pergunta o Timothy, friamente. – Onde é que é isso?

– Vermont – responde a Vanden sem levantar os olhos do jornal.

Olho para o Stash, para ver se está satisfeito com aquela mentira evidente, dita como se nada fosse, mas ele age como se não tivesse ouvido, como se estivesse noutra divisão da casa ou nalguma discoteca de *punk rock* nas entranhas da cidade; o resto da mesa faz o mesmo, o que me incomoda, uma vez que tenho a certeza de que todos sabemos que fica em New Hampshire.

– E onde estudaste *tu*? – pergunta a Vanden assim que, finalmente, ficou claro para ela que ninguém se interessa por Camden.

– Bem, estudei na *Le Rosay* – começa por dizer a Evelyn –, e depois fiz o curso de Gestão na Suíça.

– Eu também sobrevivi a um curso de Gestão na Suíça – diz a Courtney –, mas estive em Genebra. A Evelyn esteve em Lausanne.

A Vanden atira o exemplar do *Deception* para junto do Timothy e faz um sorriso amarelo e sacana, e, embora eu esteja um pouco chateado com o facto de a Evelyn não perceber o tom condescendente da Vanden, e que não retribua na mesma moeda, o *J&B* aliviou o meu *stress* a ponto de não me preocupar o suficiente para dizer o que quer que seja. Provavelmente, a Evelyn acha que a Vanden é uma querida, que está perdida e confusa – uma *artista*. O Price não está a comer e a Evelyn também não; suspeito que seja por causa da cocaína, mas é duvidoso. Enquanto dá um enorme gole na sua bebida, o Timothy levanta o exemplar do *Deception* e ri para si mesmo.

– A morte da zona de Downtown – diz ele. Depois, apontando para cada palavra da manchete: – E quem é que se interessa por essa merda?

Fico à espera que o Stash levante a cabeça do prato, mas ele continua a olhar para o pedaço solitário de *sushi*, rindo para si mesmo e movendo a cabeça.

– Eh! – diz a Vanden, como se tivesse sido insultada. – *Isso* afeta-nos.

– Oh! Oh! Oh! – diz o Tim, em jeito de aviso. – *Isso* afeta-nos? E que tal os massacres no Sri Lanka, querida? Isso também não nos afeta? E que tal o Sri Lanka?

– Bem, o Sri Lanka é um clube noturno bem porreiro no Village – diz a Vanden, encolhendo os ombros. – Sim, *isso* também nos afeta.

De repente, o Stash fala, sem levantar a cabeça.

– Chama-se *Tonka*. – Parece zangado, a sua voz é grave e sólida, os seus olhos ainda postos no *sushi*. – Chama-se *Tonka*, não *Sri Lanka*. Percebes? *Tonka*.

A Vanden olha para baixo e depois diz, docilmente:

– Oh!

– Quer dizer, não sabes nada do Sri Lanka? Sobre como os Sikhs estão a matar montes de israelitas? – O Timothy espicaça-a. – Isso não nos afeta?

– Alguém quer um rolinho *kappamaki*? – interrompe a Evelyn, animadamente, enquanto segura um prato.

– Oh! Por favor, Price – digo. – *Há* problemas maiores do que o Sri Lanka com que nos preocuparmos. Sim, a nossa política externa é importante, mas temos problemas mais urgentes em mãos.

– Tais como? – pergunta ele, sem deixar de olhar para a Vanden. – Já agora, porque está um cubo de gelo no meu molho de soja?

– Não – começo a dizer, hesitantemente. – Bem, temos de acabar com o *apartheid*, por exemplo. E desacelerar a corrida às armas nucleares, acabar com o terrorismo e com a fome no mundo. Assegurar uma defesa nacional forte, prevenir que o comunismo se dissemine pela América Central, trabalhar para um acordo de paz no Médio Oriente, prevenir o envolvimento de forças militares dos Estados Unidos além-fronteiras. Temos de nos assegurar que a América é uma potência mundial respeitada. Não se trata de diminuir os problemas nacionais, que são igualmente importantes, se não *mais* importantes. Melhores cuidados de saúde, e mais baratos, para os idosos, controlar e encontrar uma cura para a epidemia da sida, impedir os danos ambientais dos detritos tóxicos e da poluição, melhorar a qualidade da educação primária e secundária, reforçar as leis para combater o crime e as drogas ilegais. Também temos de garantir que a educação universitária é financeiramente acessível à classe média e de proteger a Segurança Social e os cidadãos da terceira idade, além de conservar os recursos naturais e as áreas selvagens e reduzir a influência dos *lobbies* na política.

Os convidados olham para mim desconfortavelmente, até o Stash, mas estou imparável.

– Economicamente, ainda está tudo uma confusão. Temos de arranjar uma maneira de manter a inflação baixa e de reduzir o défice. Também temos de garantir formação profissional e trabalho aos desempregados, assim como proteger os empregos americanos, já existentes, das importações baratas. Temos de fazer da América líder na tecnologia. Ao mesmo tempo, temos de promover o crescimento económico e a expansão dos negócios e evitar o aumento dos impostos federais sobre os rendimentos, e manter as taxas de juro baixas enquanto promovemos oportunidades para os pequenos negócios e controlamos as fusões e os *take overs* das grandes corporações.

O Price cospe o seu *Absolut* depois deste comentário, mas tento fazer contacto visual com cada um deles, especialmente com a Vanden, que, caso se livrasse da madeixa verde e da roupa de couro, e se ganhasse uma

cor – talvez inscrevendo-se na aeróbica, enfiando-se numa blusa, algo da Laura Ashley –, até *podia* ser considerada bonita. Mas porque andar ela a dormir com o Stash? Ele é estúpido e pálido, e tem, pelo menos, cinco quilos acima do peso ideal; não há tonificação muscular debaixo daquela *T-shirt* preta.

– Mas também não podemos ignorar as nossas necessidades sociais. Temos de impedir as pessoas de abusar do sistema de Segurança Social. Temos de garantir comida e teto para os sem-abrigo e temos de nos opor à discriminação racial; promover os direitos civis ao mesmo tempo que incentivamos a igualdade dos direitos das mulheres, mas vamos mudar as leis do aborto, de forma que protejamos o direito à vida, tentando manter, no entanto, o direito de escolha das mulheres. Também temos de controlar o fluxo de entrada no País de imigrantes ilegais. Temos de encorajar um regresso aos valores morais tradicionais e reduzir o sexo explícito na TV, nos filmes, na música popular, em todo o lado. E, mais importante, temos de promover a consciência social entre os jovens, e reduzir o materialismo.

Acabo a minha bebida. Os convidados olham para mim em total silêncio. A Courtney sorri e parece agradada. O Timothy limita-se a abanar a cabeça, descrente e divertido. A Evelyn está completamente surpreendida pela mudança de direção da conversa e põe-se em pé, periclitantemente, perguntando se alguém quer sobremesa.

– Tenho... *sorbet* – diz ela, como que atordoada. – Quivi, carambola, *cherimoia*, fruta de cato e, oh!... como é que se chama aquilo?... – Interrompe o tom monótono de morta-viva e tenta lembrar-se do último sabor. – Ah, sim! Pera japonesa.

Toda a gente fica em silêncio. O Tim olha rapidamente para mim. Eu olho para a Courtney, depois de volta para o Tim, depois para a Evelyn. A Evelyn cruza o olhar comigo. Depois, preocupada, olha para o Tim. Eu também olho para o Tim, depois para a Courtney e depois para o Tim outra vez, que olha para mim mais uma vez antes de responder, devagar, sem estar muito seguro:

– *Pera* de cato.

– Fruta de cato – corrige a Evelyn.

Olho, com desconfiança, para a Courtney e, depois de a ouvir dizer «*cherimoia*», digo «quivi», e, em seguida, a Vanden também diz «quivi», e o Stash diz, serenamente, mas enunciando cada sílaba de forma clara: «Chocolate com pepitas.»

A preocupação bruxuleante que tomou conta do rosto da Evelyn, ao ouvir isto, é substituída instantaneamente por uma máscara sorridente de bondade, e diz:

– Oh! Stash, sabes que não tenho chocolate com pepitas, ainda que, de facto, esse seja um sabor bastante exótico para um *sorbet*. Disse que temos *cherimoia*, *pera* de cato, carambola, desculpa, *fruta* de cato...

– Eu sei, ouvi tudo – diz ele, desenhando-se dela. – Surpreende-me.

– O.K. – diz a Evelyn. – Courtney, podias ajudar-me.

– Claro – A Courtney levanta-se, e observo-a à medida que os seus sapatos vão ecoando no chão da cozinha.

– Nada de charutos, rapazes – avisa a Courtney.

– Não sonharia com tal coisa – diz o Price, devolvendo um charuto ao bolso do casaco.

O Stash ainda está a olhar para o *sushi* com uma intensidade que me deixa inquieto, e tenho de lhe perguntar, esperando que perceba o meu sarcasmo:

– Conseguiste, hã? Isso já se mexeu, ou coisa parecida?

A Vanden desenhou uma cara sorridente, usando os rolos *California* que acumulou no prato, e mostra-o ao Stash e pergunta:

– Rex?

– Porreiro – grunhe o Stash.

A Evelyn chega com o *sorbet* em copos de *margarita*, da *Odeon*, e abre uma garrafa de *Glenfiddich*, que se mantém intocada enquanto comemos o *sorbet*.

A Courtney tem de sair mais cedo, para se encontrar com o Luis numa festa de empresa, na Bedlam, uma nova discoteca em Midtown. O Stash e a Vanden saem pouco depois para ir comprar droga algures no SoHo. Fui o único que viu o Stash tirar o seu pedaço de *sushi* do prato e colocá-lo no bolso do casaco de couro de piloto de bombardeiro. Quando menciono esse facto, enquanto a Evelyn põe a loiça na máquina, ela olha para mim com tanto ódio que me parece duvidoso que tenhamos sexo mais tarde. Mas, apesar disso, não me vou embora. E o Price também não. Ele agora está deitado num tapete *Aubusson*, do final do século XVIII, bebendo o seu café *espresso* numa chávena *Ceralene*, no chão do quarto da Evelyn. Eu estou deitado na cama da Evelyn, segurando uma almofada bordada da *Jenny B. Goode* e um *Absolut* com sumo de arando. A Evelyn está sentada perto do toucador, a escovar o cabelo, e tem vestido um roupão de

seda, com riscas verdes e brancas, da *Ralph Lauren*, que lhe cobre o corpo apeteçível, e olha para o seu reflexo no espelho.

– Sou o único que percebeu o facto de o Stash ter assumido que o seu pedaço de *sushi* era – tusso, e depois continuo – um animal de estimação?

– Por favor, para de convidar os teus amigos «artistas» cá para casa – diz o Tim, cansado. – Estou farto de ser o único, nestes jantares, que nunca falou com extraterrestres.

– Foi só *uma* vez – diz a Evelyn, inspecionando os lábios, aparentemente perdidos naquela beleza plácida.

– E foi logo no Odeon que isso aconteceu, para piorar – murmura o Price.

Questiono-me vagamente por que não fui convidado para esse jantar de artistas no Odeon. Será que a Evelyn tinha pago a conta de todos? Provavelmente. E, de repente, imagino uma Evelyn sorridente, disfarçando o seu mau humor, sentada a uma mesa cheia de amigos do Stash – todos eles constroem pequenas cabanas com as suas batatas fritas ou fingem que o salmão grelhado está vivo e mexem o peixe à volta da mesa, os peixes conversam entre si sobre a «cena artística», as novas galerias; e os artistas tentam enfiar os peixes nas cabanas de batatas fritas...

– Se bem te lembras, eu também não vi nenhum extraterrestre – diz a Evelyn.

– Não, mas o Bateman é o teu namorado, e isso conta como extraterrestre. – O Price dá uma gargalhada e eu atiro-lhe a almofada. Ele apanha-a e lança-ma de volta.

– Deixa o Patrick em paz. Ele é o rapaz convencional – diz a Evelyn, esfregando um creme qualquer na cara. – Não és um extraterrestre, pois não, amor?

– Será que devo dignar-me a responder a essa pergunta?

– Oh! Bebé! – Ela faz beicinho para o espelho, olhando para mim através do reflexo. – *Eu* sei que não és um extraterrestre.

– Que alívio – murmuro para mim mesmo.

– Mas o Stash estava no Odeon nessa noite – continua o Price, e, depois, olhando para mim: – No Odeon. Estás a ouvir-me, Bateman?

– Não, ele *não* estava no Odeon – diz a Evelyn.

– Oh! Lá isso é que *estava*, mas nessa vez não se chamava Stash. Era *Ferradura* ou *Imã* ou *Lego*, ou qualquer coisa *igualmente* adulta. – O Price sorri. – Não me lembro.

– Timothy, o que *estás* para aí a dizer? – pergunta a Evelyn, cansada. – Nem sequer te estou a ouvir. – Ela molha uma bola de algodão, passa-a pela testa.

– Não, nós estávamos no Odeon. – O Price senta-se com esforço. – E não me perguntes porquê, mas lembro-me perfeitamente que ele pediu o *cappuccino* de atum.

– O *carpaccio* – corrige a Evelyn.

– Não, Evelyn, minha querida, amor da minha vida. Lembro-me perfeitamente de ele ter pedido o *cappuccino* de atum – diz o Price, a olhar para o teto.

– Ele disse *carpaccio* – riposta ela, passando a bola de algodão nas pálpebras.

– *Cappuccino* – insiste o Price. – Até *tu* o teres corrigido.

– *Tu* nem sequer o reconheceste quando o viste esta noite – diz ela.

– Lembro-me dele, sim – diz o Price, olhando para mim. – A Evelyn descreveu-o como o rapaz bondoso e culturista. Foi assim que ela o apresentou, juro.

– Oh! Cala-te! – diz ela, chateada, mas olha para o Timothy pelo espelho e sorri sedutoramente.

– Quer dizer, acho difícil o Stash aparecer nas páginas do social da revista *W*, publicação que eu julgava ser uma maneira criteriosa de escolher os amigos – diz o Price, olhando de volta para ela, sorrindo à sua maneira, lupino e lascivo.

Concentrei-me no meu *Absolut* com sumo de arando, que tenho na mão, e parece-me um copo cheio de sangue fino e aguado, com gelo e uma rodela de limão.

– Qual é a cena entre a Courtney e o Luis? – pergunto, esperando que deixem de olhar um para o outro.

– Oh, meu Deus! – geme a Evelyn, voltando a olhar para o espelho. – A coisa realmente *horrível* na Courtney *não é* que ela já não goste do Luis. É que...

– Cancelaram-lhe a conta no Bergdorf's? – pergunta o Price. Eu rio e fazemos um *high-five*.

– Não – prossegue a Evelyn, também divertida. – É que ela está *realmente* apaixonada pelo agente imobiliário. Um *imbecilóide* da parvónia.

– A Courtney pode ter os seus problemas – diz o Tim, inspecionando a sua recente manicura –, mas, meu Deus, o que é uma... *Vanden*?

– Oh! Não *fales* disso – lamenta a Evelyn, e começa a escovar o cabelo.

– A Vanden é uma mistura entre... a marca *The Limited* e... roupa *Benetton* usada – diz o Price, levantando as mãos, de olhos fechados.

– Não. – Sorrio, tentando fazer parte da conversa. – Roupas usadas da *Fiorucci*.

– Isso – diz o Tim. – Deve ser isso. – Os seus olhos, agora abertos, cingem o corpo da Evelyn.

– Timothy, para com isso – diz a Evelyn. – Ela é uma miúda da *Camden*. Do que é que estavas à espera?

– Estou tão farto de ouvir falar dos problemas das raparigas de *Camden*. «Oh! O meu namorado, eu *amo-o*, mas ele ama outra e esperei tanto por ele, e ele ignorou-me e blá, blá, blá, blá, blá», meu Deus, que *chatas*. Miúdas da faculdade. Claro que *importa*. É *triste*, certo, Bateman?

– Sim. Importa. Triste.

– Vêz? O Bateman concorda comigo – diz o Price, com sobranceria.

– Oh! Não, *não* concorda! – Com um *Kleenex*, a Evelyn limpa o que quer que tinha passado na cara. – O Patrick *não é* um cínico, Timothy. Ele é o rapaz convencional, não és, querido?

– Não, não sou – sussurro para mim mesmo. – Sou um filho da puta de um psicopata do pior.

– Oh! E, depois – suspira a Evelyn –, qual é o mal de ela não ser a rapariga mais inteligente do grupo?

– Ah! Isso é dizer pouco – grita o Price. – Mas o Stash também não é o gajo mais esperto. O casal perfeito. Conheceram-se nalgum concurso de TV, ou algo do género?

– Deixa-os em *paç* – diz a Evelyn. – O Stash *tem* talento, e estou segura de que estamos a *subestimar* a Vanden.

– Aquela miúda... – o Price vira-se para mim. – Ouve, Bateman, aquela miúda – e foi a Evelyn que me contou isto –, estamos a falar de uma miúda que alugou o *High Noon*¹ porque julgou que era um filme – engole em seco – sobre marijuana.

– Acabei de pensar nisto – digo. – Mas já decifrámos o que o Stash – assumo que tenha um apelido, mas não mo digam, não quero saber, Evelyn – *faç* na vida?

– Primeiro que tudo, ele é *perfeitamente* decente e bom – diz a Evelyn, defendendo-o.

¹ *High Noon* é o título de um filme, de 1952, com Gary Cooper, mas também pode significar «uma tarde de mocá», daí a referência à marijuana. (NT)

– O homem pediu *sorbet de chocolate* com pepitas, por amor de Deus!
– O Timothy lamenta-se, incrédulo. – Estás a *falar* do quê?

A Evelyn ignora-o, tira os brincos *Tina Chow*.

– Ele é escultor – diz ela, lacónica.

– Isso é tanga – diz o Timothy. – Lembro-me de falar com ele no Odeon. – Volta a virar-se para mim. – Isto foi quando ele pediu um *cappuccino* de atum, e tenho a certeza de que, se não tivesse a nossa vigilância, ia pedir um salmão *au lait*, e disse-me que organizava festas, e isso, tecnicamente, faz dele – não sei, corrige-me se estou errado, Evelyn – um tipo que trabalha com *catering*. Ele trabalha com *catering*! – grita o Price. – Não é um escultor!

– Oh, meu Deus, *acalma-te!* – diz a Evelyn, esfregando mais creme na cara.

– É como dizeres que és *poeta*. – O Timothy está bêbedo e começo a pensar quando é que se vai embora.

– Bem – começa a Evelyn. – Eu sou conhecida por...

– Tu és uma merda de uma datilógrafa – grita o Tim. Caminha até junto da Evelyn, faz uma vénia ao lado dela, mas olha para o seu próprio reflexo no espelho.

– Ganhaste peso, Tim? – pergunta a Evelyn. Ela investiga a cabeça do Tim no espelho e diz: – A tua cara parece mais... redonda.

Em retaliação, o Timothy cheira o pescoço da Evelyn e diz:

– Que odor fascinante é este?

– *Obsession*. – A Evelyn sorri sedutoramente, empurrando o Timothy de uma forma gentil. – É *Obsession*. Patrick, afasta o teu *amigo* de *mim*.

– Não, não, espera – diz o Timothy, fungando bem alto. – Não é *Obsession*. É, é... – E então, com a cara contorcida, revelando um horror fingido: – É... Oh, meu Deus, é *Q.T. Instantan!*

A Evelyn fica quieta, a ponderar as suas opções. Inspeciona a cabeça do Price uma vez mais.

– Estás a perder cabelo?

– Evelyn – diz o Tim. – Não mudes de assunto... – E depois, genuinamente preocupado: – Agora que falas disso... Demasiado gel? – Preocupado, passa uma mão pelo cabelo.

– Talvez – diz a Evelyn. – Agora faz algo de útil e *senta-te*.

– Bem, pelo menos não tem madeixas verdes e não tentei cortá-lo com uma faca de manteiga – diz o Tim, referindo-se ao cabelo pintado da

Vanden e ao péssimo corte de cabelo, obviamente barato, do Stash. Um corte de cabelo péssimo, porque é barato.

– Estás mais gordo? – pergunta a Evelyn, agora mais séria.

– Jesus! – diz o Tim, prestes a afastar-se, ofendido. – Não, Evelyn.

– Definitivamente, a tua cara parece mais... redonda – diz a Evelyn.

– Menos esculpida.

– Não acredito nisto – diz o Tim.

Ele olha intensamente para o espelho. A Evelyn continua a pentear o cabelo, mas as escovadelas são menos diligentes, porque está a olhar para o Tim. Ele repara e cheira-lhe o pescoço, e acho que o lambe rapidamente e sorri.

– Isso é *Q.T.*? – pergunta. – Vá lá, podes contar-me. Eu sei que é.

– Não – diz a Evelyn, sem sorrir. – *Tu* é que usas isso.

– Não, por acaso não uso. E faço solário num salão de beleza. Sou bastante honesto em relação a isso – diz. – *Tu* é que estás a usar *Q.T.*

– E *tu* estás a projetar – diz ela, sem convicção.

– Já te disse – responde o Tim. – Vou ao solário num salão de beleza.

Eu sei que é caro, mas... – O Price parece ferver. – De qualquer maneira, tu, a usares *Q.T.*?

– Oh! És *tão* corajoso por admitir que fazes solário num salão de beleza! – diz.

– *Q.T.* – Ele ri.

– Não sei do que *estás* a falar – diz a Evelyn, e volta a escovar o cabelo. – Patrick, acompanha o teu amigo para *fora* daqui.

Agora o Price está de joelhos e cheira as pernas despidas da Evelyn, e ela começa a rir. Fico tenso.

– Oh, meu Deus! – resmunga, alto. – Sai daqui para fora.

– Tu és *cor de laranja*. – Ele ri, de joelhos, com a cabeça no colo dela.

– Tu pareces *laranja*.

– Não sou *nada* – diz ela. A sua voz é um longo rosnado de dor e de êxtase. – Idiota.

Estou na cama e observo os dois. O Timothy está no colo da Evelyn a tentar enfiar a cabeça por baixo do seu roupão *Ralph Lauren*. A cabeça dela inclina-se para trás, num gesto de prazer, e depois tenta afastá-lo, batendo-lhe nas costas, apenas levemente, na brincadeira, usando a escova *Jan Hové*. Tenho quase a certeza de que o Timothy e a Evelyn têm um caso. O Timothy é a única pessoa interessante que conheço.

– É melhor que te vás embora – diz ela, a arfar. Parou de lutar com ele. O Tim olha para cima, na direção dela, e ostenta um belo sorriso cheio de dentes e diz:

– Tudo o que a senhora pedir.

– Obrigada – diz ela, numa voz que a mim parece reverberar desilusão. Ele levanta-se.

– Jantar? Amanhã?

– Tenho de perguntar ao meu namorado – diz ela, sorrindo para mim no espelho.

– E vais usar aquele vestido preto e *sexy* da *Anne Klein*? – pergunta ele, com as mãos nos ombros dela, sussurrando na orelha da Evelyn, enquanto a cheira. – E o Bateman não é bem-vindo.

Eu rio com naturalidade enquanto me levanto da cama, acompanhando-o para fora do quarto.

– Espera, o meu *espresso* – diz ele.

A Evelyn ri, depois aplaude, como se estivesse deliciada com a relutância do Tim em sair.

– Vamos lá, rapaz – digo, enquanto o empurro bruscamente para fora do quarto. – Tempo de fazer oó.

Ele ainda consegue atirar-lhe um beijo ao mesmo tempo que eu o tiro dali para fora. Está em completo silêncio quando o acompanho até à saída da casa.

Depois de ele ir embora, sirvo-me de um brande e bebo-o num cálice italiano de vidro axadrezado, e, quando regresso ao quarto, encontro a Evelyn deitada na cama a ver o canal das televidas. Deito-me a seu lado e alivio o nó da minha gravata *Armani*. Finalmente, pergunto algo sem olhar para ela.

– Porque não te atiras simplesmente ao Price?

– Oh! Por Deus, Patrick! – diz ela, com os olhos fechados. – Porquê o Price? O Price? – E diz isto de uma maneira que me faz pensar que teve sexo com ele.

– Ele é rico – digo.

– Toda a gente é rica – diz ela, concentrada no ecrã da televisão.

– É bem-parecido – digo-lhe.

– Toda a gente é bem-parecida – diz ela, de uma forma distante.

– Ele tem um corpo incrível – digo.

– Toda a gente tem um corpo incrível – diz ela.

Ponho o cálice na mesa de cabeceira e rolo para cima da Evelyn. Enquanto beijo e lambo o seu pescoço, ela olha apaixonadamente para o enorme ecrã do televisor *Panasonic*, com controlo remoto, e baixa o volume. Dispo a minha camisa *Armani* e ponho a mão dela sobre o meu tronco, esperando que sinta como os meus abdominais estão definidos, duros como pedra, e contraio os músculos, grato por haver luz no quarto, para que ela possa ver como o meu abdómen está esculpido e bronzeado.

– Sabes – diz ela, com clareza –, o Stash acusou positivo no teste da sida. E... – Faz uma pausa, porque alguma coisa no ecrã captou a sua atenção; aumenta um pouco o volume e depois volta a baixá-lo. – E... acho que provavelmente vai dormir com a Vanden esta noite.

– Ótimo – digo, mordendo-lhe levemente o pescoço e com uma das minhas mãos numa mama firme e fria.

– Tu és mau – diz ela, ligeiramente excitada, passando as mãos no meu ombro duro e amplo.

– Não – digo. – Sou apenas o teu noivo.

Depois de tentar ter sexo com ela durante cerca de quinze minutos, decido não continuar o esforço.

– Sabes que se pode estar sempre em melhor forma? – diz ela.

Pego no cálice de brande, e acabo de o beber. A Evelyn é viciada em *Parnate*, um antidepressivo. Fico ali estendido, a seu lado, a ver o canal de televidas com o som desligado – vejo bonecas de vidro, almofadas bordadas, candeeiros com a forma de bolas de futebol, joias da *Lady Zirconia*. A Evelyn começa a divagar.

– Andas a tomar minoxidil? – pergunta, passado muito tempo.

– Não, não ando – digo. – Porque haveria de andar?

– Parece que as tuas entradas estão maiores – murmura.

– Não estão – acabo por dizer. Mas é difícil estar seguro disso. O meu cabelo é grosso e não consigo perceber se está a cair. Duvido que esteja.

Regresso a casa a pé e digo boa noite ao porteiro, que não reconheço (pode ser um qualquer), e dissolvo-me na minha sala de estar bem acima da cidade, com a música dos Tokens a cantar *The Lion Sleeps Tonight* a chegar do brilho da minha *jukebox Wurlitzer 1015* (que não é tão boa como a *Wurlitzer 850*) que está no canto da sala de estar. Masturbo-me, pensando primeiro na Evelyn, depois na Courtney, em seguida na Vanden, e depois novamente a Evelyn, mas, mesmo antes de me vir – um orgasmo fraco –, penso num modelo de anúncio, quase nua, com um *top Calvin Klein*.

Manhã

A primeira luz de uma madrugada de maio, a sala de estar do meu apartamento é assim: em cima da lareira branca de mármore e granito está um original de David Onica. É o retrato, de um metro e oitenta por um metro e vinte, de uma mulher nua, maioritariamente constituído por cores desmaiadas, cinzentos e tons de azeitona; uma mulher sentada numa *chaise-longue*, a ver MTV, com uma paisagem marciana como pano de fundo – um deserto cor-de-rosa, brilhante, com peixes esventrados e pratos partidos, que se eleva como uma explosão solar acima da cabeça amarela da mulher; e tudo isto está enquadrado numa moldura de aço preto. O quadro está no lado oposto de um sofá branco e de uma televisão *Toshiba* digital, de 30 polegadas; é um modelo de alto contraste e alta definição, com um móvel para o leitor de vídeo que tem a alta tecnologia da *NEC*, com um sistema de efeitos digitais de imagem (além de um botão de pausa); o áudio inclui MTS e cinco *watts* por canal no amplificador. O vídeo *Toshiba* está numa caixa de vidro debaixo da TV; é um *super-high band Beta* e tem funções de edição que incluem uma memória: grava, reproduz e programa oito gravações até três semanas. Candeeiros com lâmpadas de halogéneo estão em cada um dos cantos da sala. Persianas brancas cobrem as janelas, do chão ao teto, no oitavo andar. Uma mesa com tampo de vidro e pernas de carvalho, da *Turchin*, está diante do sofá, com animais de vidro da *Stauben* dispostos estrategicamente ao redor dos cinzeiros de cristal *Fortunoff*, ainda que eu não fume. Ao lado da *Wurlitzer* está um piano de cauda preto *Baldwin*. Um chão branco, de carvalho polido, cobre todo o apartamento. No outro lado da sala, perto de uma secretária e de um móvel para revistas da *Gio Ponti*, está um sistema de som estéreo completo (leitor de CD, leitor de cassetes, sintonizador e

amplificador) da *Sansui*, com colunas de um metro e oitenta, da *Duntec Sovereign 2001*, feitos de pau-rosa brasileiro. Uma cama com uma base de carvalho encontra-se no centro do quarto. Encostada à parede está uma aparelhagem de 80 centímetros com um mostrador digital e som estéreo, e, debaixo dela, numa caixa de vidro, está um leitor de vídeo *Toshiba*. Não tenho a certeza se as horas no relógio de alarme digital estão certas, por isso tenho de sentar-me e olhar para baixo, para os números que piscam no leitor de vídeo, depois pego no telefone *Ettore Sottsass*, que está na mesa de cabeceira de vidro e aço, ao lado da cama, e ligo para o número que informa as horas. Uma cadeira branca, de aço e madeira, desenhada por Eric Marcus, está num dos cantos do quarto; outra cadeira, esculpida em contraplacado, encontra-se noutra esquina. Um tapete bege e branco, com pintas negras, da *Maud Sienna*, cobre a maior parte do chão. Uma parede está escondida por quatro cómodas de gavetas de mogno descolorado. Na cama, estou vestido com um pijama de seda *Ralph Lauren*, e, quando me levanto, piso um roupão de garança estampada e caminho para a casa de banho. Urino enquanto tento averiguar o inchaço do meu reflexo no vidro que cobre um póster de beisebol pendurado acima da retrete. Depois de vestir uns *boxers* com o meu monograma, da *Ralph Lauren*, e uma camisola *Fair Isle*, e de deslizar para dentro de uns chinelos com pintas, da *Enrico Hidolin*, ato a máscara de gelo à volta da cara e começo a fazer os alongamentos matinais. Mais tarde, estou diante do lavatório cromado e de acrílico da *Washmobile*, na casa de banho – com uma base para o sabonete, um suporte para o copo e frisos que servem como toalheiros, que comprei no Hastings Tile, enquanto os lavatórios de mármore, que encomendei da Finlândia, estão a ser polidos –, e olho para o meu reflexo, ainda com a máscara de gelo na cara. Despejo o *Plax* antiplaca bacteriana num copo e bochecho durante 30 segundos. Depois, espremo a pasta *Rembrandt* na escova com cabo de tartaruga e começo a lavar os dentes (demasiado ressecado para usar diligentemente o fio dentário – mas talvez o tenha usado ontem, antes de me ter deitado), e volto a bochechar, desta vez com *Listerine*. Depois inspeciono as minhas mãos e uso uma escova para as unhas. Tiro a máscara de gelo e uso uma loção de limpeza profunda para os poros; em seguida, uma máscara facial de hortelã, que deixo ficar durante dez minutos enquanto verifico as unhas dos pés. Depois, uso o polidor dentífrico *Probright* e, em seguida, a máquina de polimento *Interplack* (isto em adição à escova de dentes), que tem uma velocidade de 4200

rotações por minuto e roda 46 vezes por segundo; os pelos maiores da escova limpam o espaço entre os dentes e massajam as gengivas enquanto os pelos menores escovam a superfície dos dentes. Volto a bochechar, agora com *Cepacol*. Tiro a máscara de loção com exfoliante facial de hortelã. O chuveiro tem uma cabeça universal, que funciona em todas as direções, ajustável verticalmente até 80 centímetros. É feito de bronze australiano, dourado e preto, e revestido com um acabamento em esmalte branco. No duche, uso primeiro um gel de limpeza ativado pela água; depois, um exfoliante para o corpo, de mel e amêndoas, e, na cara, um gel exfoliante de limpeza. O champô *Vidal Sassoon* é particularmente bom a remover a película de transpiração ressequida, sais, óleos, poluição atmosférica e sujidade que podem pesar no cabelo e achatá-lo contra o escalpe, o que pode fazer com que pareças mais velho. O amaciador também é bom – a tecnologia do silicone permite que os benefícios do amaciador não espalmem o cabelo, o que pode fazer com que pareças mais velho. No fim de semana, ou antes de um encontro, prefiro usar o champô revitalizador *Greune Natural*, o amaciador e um complexo nutritivo. Estas são fórmulas que contêm D-pantenol, um complexo de vitamina B, polisorbato 80 – um agente de limpeza para o couro cabeludo – e ervas naturais. Durante o fim de semana, pretendo ir ao Bloomingdale's ou ao Bergdorf's, e, a conselho da Evelyn, comprar um suplemento e um champô *Foltene European*, para evitar o enfraquecimento do cabelo, que contém hidratos de carbono que penetram nos folículos capilares a fim de reforçar o vigor e o brilho. Também vou comprar o tratamento *Vivagen Hair Enrichment*, um novo produto da *Redken*, que previne depósitos de minerais e prolonga o ciclo de vida do cabelo. O Luis Carruthers recomendou o sistema *Aramis Nutriplexx*, um nutriente complexo, que ajuda a aumentar a circulação. Uma vez fora do duche e após secar o corpo com uma toalha, volto a vestir os *boxers* da *Ralph Lauren* e, antes de aplicar a *Mousse A Raiser*, um creme de barbear da *Pour Hommes*, pressiono uma toalha quente contra a cara, para amaciar os pelos. Depois passo sempre um hidratante (*Clinique*, do meu gosto), e deixo-o ficar um minuto. Podes enxaguá-lo ou mantê-lo e aplicar o creme de barbear por cima – de preferência, com um pincel de barba, que suaviza os pelos ao mesmo tempo que os eleva –, o que, vim a descobrir, faz com que barbear os pelos seja muito mais fácil. Também ajuda a prevenir que a água se evapore e reduz a fricção entre a pele e a lâmina. Molha sempre a lâmina com água quente antes de te barbeares e

passa-a na direção em que os pelos crescem, pressionando a pele gentilmente. Deixa as patilhas e o queixo para o fim, uma vez que estes pelos são mais fortes e precisam de mais tempo para amaciar. Enxagua a lâmina e retira o excesso de água antes de começares. No final, passa água fria na cara, para removeres todos os vestígios de espuma. Deves usar *aftershave* em loção, com pouco ou nenhum álcool. Nunca uses perfume no rosto, uma vez que o alto teor de álcool seca-te a cara e envelhece a pele. Devemos usar um tonificante antibacteriano e sem álcool, com uma bola de algodão humedecida em água, para normalizar a pele. Aplicar um creme hidratante é o passo final. Passa água no rosto antes de uma loção emoliente, para amaciar a pele e fixar o hidratante. Em seguida, aplica *Gel Appaisant*, também fabricado pela *Pour Hommes*, que é uma excelente loção para acalmar a pele. Se a cara está seca e escamosa – o que a faz parecer baça e envelhecida –, usa uma loção clarificante, que remove a pele morta e revela a pele nova (também faz com que o teu bronzado pareça mais escuro). Depois aplica um bálsamo antienuhecimento (*Baume des Yeux*), seguido por um hidratante protetor. Uma loção para o escalpe é aplicada depois de secar o cabelo com uma toalha. Também uso, de forma breve, um pouco de secador para lhe dar corpo e forma (mas sem que fique pegajoso), e em seguida acrescento mais loção, dando-lhe forma com uma escova da *Kent*, e, por fim, penteio-o para trás com uma escova de dentes grande. Tiro a camisola *Isle* e volto a deslizar para dentro do chinelos de pintas; depois vou para a sala de estar e ponho a tocar o novo disco dos Talking Heads no leitor de CD, mas parece riscado, por isso o tiro e coloco um CD laser para limpar o leitor. O leitor é muito sensível, e está sujeito a interferências causadas pelo pó ou sujidade ou fumo ou poluição ou creme hidratante; e um CD sujo pode sabotar a leitura, causando falsos inícios, passagens inaudíveis, saltos na música, mudanças de velocidade e distorção em geral; o limpador das lentes de leitura digital tem uma escova que automaticamente se alinha com as lentes e, então, o disco roda, removendo resíduos e partículas. Quando volto a pôr o CD dos Talking Heads, toca na perfeição. Pego no exemplar do *USA Today* que está no lado de fora da porta, no corredor, e trago-o comigo para a cozinha, onde tomo dois *Advil*, uma barra multivitamínica e de potássio, que empurro com água, bebendo diretamente de uma garrafa grande de *Evian*, uma vez que a empregada, uma senhora de idade, chinesa, se esqueceu de ligar a máquina de lavar loiça ontem, quando se foi embora, e por isso também tenho de servir o sumo de

toranja num copo de vinho *St. Rémy*, que comprei na Baccarat. Olho para o relógio de *néon*, que está por cima do frigorífico, para ver se tenho tempo suficiente para tomar o pequeno-almoço sem pressas. Em pé, junto da ilha central da cozinha, como um quivi e uma pera-*nashi* fatiada (custam quatro dólares a unidade, no Gristede's) em tigelas desenhadas na Alemanha Ocidental. De um dos grandes armários com portas de vidro que ocupam quase toda a cozinha – uma cozinha que fica completa com as prateleiras de aço inoxidável e de vidro polido, e que está emoldurada numa esquadria azul-acinzentada, escura e metálica –, tiro um queque de farelo, um pacote de chá de ervas descafeinado e os cereais de farelo e aveia. Como metade do queque de farelo depois de o levar ao micro-ondas, já coberto por uma pequena camada de manteiga de maçã. Segue-se uma tigela com cereais de aveia e farelo com germe de trigo e leite de soja; outra garrafa de água *Evian* e uma chávena pequena de chá depois disso. Ao lado da máquina *Panasonic* de fazer pão e da cafeteira *Salton Pop-Up*, está a máquina de café *espresso Cremina*, de prata esterlina (que, estranhamente, ainda está quente), comprada na Hammacher Schlemmer (a chávena, termoisoladora e de aço inoxidável, está suja, bem como um pires e uma colher, tudo no lava-loiças) e o micro-ondas *Sharp Model R1810A Caroussel II*, com um prato giratório, que uso para aquecer a outra metade do queque de farelo. Ao lado da torradeira *Salton Sonata* e do liquidificador *Cuisinart Little Pro* e da máquina de sumos *Supreme Juicerator* e da máquina *Cordially Yours*, está uma enorme chaleira elétrica, em aço inoxidável, que assobia o tema *Tea for Two*, e é com ela que faço mais uma chávena de chá descafeinado de maçã e canela. Durante aquilo que me parece um período longo, olho para as facas de cozinha *Black & Decker* que estão na bancada, ao lado do lavatório, presas na parede: para fatiar e descascar, com diferentes acessórios, lâmina de serra, lâmina para filetar e cabos suplentes. O fato que uso hoje é *Alan Fusser*. É um fato dos anos 80, uma versão atualizada de um fato estilo anos 30. A melhor versão tem os ombros e as lapelas pontiagudos e uma racha na parte de trás. As lapelas devem ter dez centímetros de largura e ocupar três quartos do comprimento até aos ombros. Devidamente usadas em fatos de dupla lapela, as lapelas pontiagudas são consideradas mais elegantes do que as triangulares. Os bolsos interiores do casaco, fundos, em cada um dos lados, têm revestimento duplo e uma tira de tecido que protege a fenda de abertura. No sítio onde as lapelas se cruzam, há mais dois botões. As calças estão desenhadas para dar continuidade à

elegância do casaco largo. A cintura foi costurada um pouco mais acima na parte da frente, permitindo que os suspensórios fiquem bem presos e centrados. A gravata é de seda, às pintas, desenhada por *Valentino Couture*. Os sapatos são mocassins *A. Testoni*, de pele de crocodilo. Enquanto me visto, a TV passa o *Patty Winters Show*. Os convidados de hoje são mulheres com múltiplas personalidades. Uma mulher acima do peso e mais velha aparece no ecrã e a voz da Patty pergunta:

«Bem, é esquizofrenia ou outra coisa? Diga-nos.»

«Não, oh! Não! Tenho múltiplas personalidades, não sou esquizofrénica», diz a mulher, abanando a cabeça. «Não somos perigosos».

«Bem», começa a Patty, em pé, no meio da audiência, com o microfone na mão. «Quem era você no mês passado?»

«Não mês passado, parece que fui, na maioria do tempo, a Polly», responde a mulher. Corte para a audiência – a cara preocupada de uma doméstica; antes que ela se veja a si mesma no monitor, o realizador corta para a mulher com múltiplas personalidades.

«Bem», continua a Patty, «e agora, quem é?»

«Bem...», diz a mulher, cansada, como se estivesse farta de lhe fazerem aquela pergunta, como se tivesse respondido uma e outra vez sem que ninguém acreditasse nela. «Bem, este mês sou a Costeleta de Borrego. Sou quase sempre a Costeleta de Borrego.»

Uma pausa longa. Uma câmara mostra uma doméstica espantada, a abanar a cabeça, e outra doméstica sussurra-lhe qualquer coisa ao ouvido.

Os sapatos que calcei são mocassins de pele de crocodilo *A. Testoni*. Quando vou buscar a minha gabardina ao armário, à entrada, encontro um cachecol *Burberry* e um casaco a condizer, com uma baleia bordada (algo que um miúdo pequeno poderia usar), e que está coberto com aquilo que parece ser xarope de chocolate ressequido, espalhado na frente do casaco, a escurecer as lapelas. Apanho o elevador para o átrio do prédio, dando corda ao meu *Rolex* abanando gentilmente o pulso. Digo bom dia ao porteiro, saio para a rua e entro num táxi em direção a Downtown, a Wall Street.